

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia /
Organizador Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes.
– Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-634-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.345212311>

1. História da filosofia. I. Menezes, Luiz Maurício
Bentim da Rocha (Organizador). II. Título.

CDD 109

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” é uma obra que tem como foco principal a discussão filosófica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da história da filosofia.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o aspecto relacionado à história da filosofia, de maneira que possamos abranger ao máximo a reflexão sobre estudos recentes em matéria de filosofia.


Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e doutores, assim todos aqueles que de alguma forma se interessam pela história da filosofia. Possuir um material que demonstre evolução de diferentes pensamentos em filosofia e que tenham uma contribuição relevante para o desenvolvimento da crítica, assim como a abordagem de temas atuais e de interesse direto da sociedade.

Deste modo a obra “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” apresenta uma teoria bem fundamentada em estudos feitos por diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

SUMÁRIO


CAPÍTULO 1	1
A FACULDADE DE JULGAR O QUE É BELO PARA IMMANUEL KANT: A LÓGICA RACIONAL DO IRRACIONAL?	
Adriano Rodrigues Mansanera	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123111	
CAPÍTULO 2	9
ALTERIDAD Y LITERATURA: LA PROPUESTA DE GRACILIANO RAMOS	
Patricia Bernarda Vilcapuma Vines	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123112	
CAPÍTULO 3	18
APROXIMAÇÕES FENOMENOLÓGICAS À <i>ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA</i> DE WINNICOTT	
Cristian Marques	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123113	
CAPÍTULO 4	30
ENTRE CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: MÚSICA PITAGÓRICA E ASTROLOGIA	
Félix Manco Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123114	
CAPÍTULO 5	43
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA TRÁGICA NO EXPERIMENTO DE PENSAR DO JOVEM NIETZSCHE	
Sandro Melo Batalha Cardoso	
Ivys de Alcântara Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123115	
CAPÍTULO 6	57
ÉTICA DE E. LÉVINAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: TOTALIDADE, INFINITO, SENSIBILIDADE E O FRENTE A FRENTE	
Luiz Fernando Gomes Ferreira	
José Manfroi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123116	
CAPÍTULO 7	73
O NOVO ESTATUTO DO CONHECIMENTO NA FILOSOFIA DO CÉTICO CARNÉADES	
Ísis Lopes D'Oliveira Zisels	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123117	
CAPÍTULO 8	83
TALES DE MILETO: UN HÉROE DE SABIDURÍA ENIGMÁTICA	
Joseph Max Espiritu Ventocilla	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123118>

CAPÍTULO 9..... 93

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL, VYGOTSKY E MARXISMO: APONTAMENTOS PARA
UMA COMPREENSÃO CRÍTICA


Renata Dalbianco Ferreira dos Santos
José Alberto Lechuga de Andrade Filho
Alexandra Ayach Anache

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123119>

CAPÍTULO 10..... 101

A FUNÇÃO DO MITO EM PLATÃO

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34521231110>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 110

ÍNDICE REMISSIVO..... 111

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA TRÁGICA NO EXPERIMENTO DE PENSAR DO JOVEM NIETZSCHE

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 21/08/2021

Sandro Melo Batalha Cardoso

SEDUC/PA – CESUPA

<http://lattes.cnpq.br/6610560308431652>

<https://orcid.org/0000-0002-9519-1326>

Ivys de Alcântara Silva

SEDUC/PA-UFGA-PPGED

<http://lattes.cnpq.br/9638554015500722>

<https://orcid.org/0000-0002-7665-6634>

Este texto é uma adaptação de breve excerto da dissertação de mestrado em filosofia, intitulada *O dionisíaco em Nietzsche: da “metafísica de artista” à “fisiologia da arte”*.

RESUMO: Nestas breves notas histórico-filológicas a respeito do pensamento nietzscheano buscaremos apontar aspectos da filosofia trágica em articulação com o chamado experimento do pensar na primeira fase da produção filosófica do pensador alemão. Nesse sentido, seguindo as indicações da *Edição crítica completa das obras de Nietzsche*, buscamos orientar nossa leitura acerca do experimento de pensamento nietzscheano sob três principais nortes: primeiramente, cada obra de Nietzsche é fruto de determinado período e contexto vivido pelo filósofo; em segundo lugar, ao fazermos o nexos entre diferentes obras e as coleções de fragmentos póstumos do filósofo, tentou-se

jamais ignorar essa conexão cronológica entre ambos; em terceiro lugar, considerar a conexão histórica dos escritos nietzscheanos com o contexto anterior, contemporâneo e posterior ao filósofo, pensando-os de modo orgânico. Como arcabouço teórico para nosso breve trajeto, utilizamos diferentes textos-fonte do jovem Nietzsche, notadamente, *O nascimento da tragédia, A filosofia na época trágica dos gregos*, mas, outrossim, textos de diferentes períodos da produção do filósofo. Recorremos a insígnias comentadores da obra de Nietzsche, tal como Machado (2006), Chaves (2006), Barros (1999), Süsskind (2008), dentre outros. Do apanhado geral destas breves considerações, concluímos que o jovem Nietzsche, em seu experimento de pensar livre, e por sua agudeza de espírito, conseguiu apreender a essência do pensamento trágico grego, mormente no pensamento pré-socrático, por meio da ideia da unidade de contrários, da tensão harmônica e orgânica entre dicotomias e da consonância entre o todo e a parte expressa na tese do *Uno-primordial*.

PALAVRAS-CHAVE: Jovem Nietzsche; experimento de pensar; filosofia trágica; *Uno-primordial*.

BRIEF CONSIDERATIONS ABOUT THE TRAGIC PHILOSOPHY IN THE YOUNG NIETZSCHE'S THINKING EXPERIMENT

ABSTRACT: In these brief historical-philological notes on Nietzschean thought, we will seek to point out aspects of tragic philosophy in conjunction with the so-called thought experiment in the first phase of the german thinker's philosophical production. Consequently, following

the indications of *Nietzsche Kritische Gesamtausgabe Werke*, we seek to orient our reading of the Nietzschean thought experiment in three main directions: first, each Nietzsche work is the result of a certain period and context experienced by the philosopher; second, when we make the connection between different works and the philosopher's collections of Posthumous Fragments, we have never tried to ignore this chronological connection between them; third, let us consider the historical connection of the Nietzschean writings with the context before, contemporary and after the philosopher, thinking of them organically. As a theoretical basis for our short work, we used different source-texts of the young Nietzsche, in particular Birth of Tragedy, Philosophy in the Tragic Age of the Greeks, but also texts from different periods of the philosopher's production. We also use prominent commentators on Nietzsche's work, such as Machado (2006), Chaves (2006), Barros (1999), Süssekind (2008), among others. From the review of these brief considerations, we conclude that the young Nietzsche, in his thought experiment, and due to his sagacity, managed to grasp the essence of Greek tragic thought, especially in pre-Socratic thought, through the idea of unity. of the opposites, of the harmonic and organic tension between dichotomies and of the consonance between the whole and the part expressed in the "Ur-Eine" experience thesis.

KEYWORDS: Young Nietzsche; thinking experiment; tragic philosophy; *Ur-Eine* experience.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS¹

De maneira geral, faz-se notório a relevância do pensamento de Nietzsche quando tentamos refletir acerca dos principais temas e questões de nosso tempo. Suas ideias assinalam e antecipam questões e desafios de nosso século. No decurso de seu experimento de pensar e através do contínuo confronto com a herança cultural forjada pela tradição, Nietzsche criou ideias, conceitos e figuras do pensamento que circundam até hoje o nosso imaginário político e artístico, como por exemplo, as concepções estéticas denominadas *Apolínea* e *Dionísia*, os conceitos de *vontade de poder*, *além-do-homem* (*Übermensch*), *eterno retorno*, *niilismo* e a figura da *morte de Deus*.

¹ LISTA DE ABREVIATURAS: No intuito de facilitar a identificação das referências das obras de Nietzsche em edições e publicações diferentes, adotamos esta lista baseada na convenção proposta pelos "CADERNOS NIETZSCHE".

I-Siglas dos textos publicados por Nietzsche:

I. 1-Textos editados pelo próprio Nietzsche:

GT/NT – *Die Geburt der Tragödie (O nascimento da tragédia)*

MA/HHI – *Menschliches allzumenschliches* (vol.1) (*Humano, demasiado humano* (vol. 1))

M/A – *Morgenröte (Aurora)*

FW/GC – *Die fröhliche Wissenschaft (A gaia Ciência)*

JGB/BM – *Jenseits von Gut und Böse (Para além de bem e mal)*

WA/CW – *Der Fall Wagner (O caso Wagner)*

GD/CI – *Götzen-Dämmerung (Crepúsculo dos Ídolos)*

I. 2-Textos preparados por Nietzsche:

EH/EH – *Ecce homo*

II- Siglas dos escritos inéditos inacabados:

ST/ST – *Socrates und die Tragödie (Sócrates e a Tragédia)*

DW/VD – *Die dionysische Weltanschauung (A visão dionísia do mundo)*

PHG/FT – *Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen (A filosofia na época trágica dos gregos)*

III – Formas de citação:

Para os textos publicados por Nietzsche, o algarismo arábico indicará a seção; no caso de GM/GM, o algarismo romano anterior ao arábico remeterá à parte do livro; no caso de GD/CI e de EH/EH, o algarismo arábico, que se seguirá ao título do capítulo, indicará a seção. Para os escritos inéditos inacabados, o algarismo arábico ou romano, conforme o caso, indicará a parte do texto.

Pretendemos desenvolver nossa investigação conforme o direcionamento proposto pela edição histórico-crítica de todos os escritos de Nietzsche, denominada *Kritische Gesamtausgabe Werke*, mas também conhecida como edição Colli/Montinari, fonte obrigatória de consulta para os estudos da obra do filósofo.

De acordo com o texto “Ler Nietzsche²” de Mazzino Montinari, organizador da nova edição completa e crítica das obras e da correspondência de Nietzsche, ao entrarmos em contato com a obra deste intempestivo filósofo suas ideias se tornam para nós leitores uma vivência pessoal, pois “ele nos desafia a colocar questões radicais, a uma confrontação engajada com suas ideias, para desmascarar nossas próprias tartuferias morais” (MONTINARI, *apud* CHAVES, 2003, p.242). Da mesma forma, não se esquecendo da requerida arte da nuance, procuraremos sempre ter em mente que:

Ler Nietzsche e lê-lo bem, significa, portanto, não se deixar limitar por fórmulas isoladas, através de radicalismos, do tomar ao pé-da-letra suas declarações mas, ao mesmo tempo, não se tornar descompromissado. (MONTINARI, *apud* CHAVES, 2003, p.243)

Desse modo, também adotaremos para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa a proposta levantada no texto “Ler Nietzsche” de Montinari. Nesse sentido, procuraremos orientar nossa leitura acerca do experimento de pensamento nietzschiano em três direções. Inicialmente, buscaremos vislumbrar “cada obra de Nietzsche como a formulação artística e filosófica de um determinado movimento de ideias, em um determinado tempo de sua vida e de sua produção intelectual” (MONTINARI, *apud* CHAVES, 2003, p.244). Em seguida, tentaremos empreender uma leitura cuidadosa de cada obra a partir de uma relação íntima com os fragmentos póstumos, nunca desconsiderando que tais fragmentos devem ser lidos cronologicamente. Por fim, investigaremos a filosofia de Nietzsche por meio de suas fontes, em uma “conexão com o mundo histórico antes dele, com a sua época e com a época que lhe é posterior.” (MONTINARI, *apud* CHAVES, 2003, p.244). Portanto, procuraremos adotar para o amadurecimento desta pesquisa uma leitura histórico-filológica das obras de Nietzsche.

2 | O UNO PRIMORDIAL

Tema frequente na obra nietzschiana são a investigação sobre as questões relativas à ciência e ao conceito de verdade. Mas, vale lembrar que este interesse não tem como meta desenvolver uma concepção de ciência cristalizada e responsável pela construção de uma ideia da razão como princípio constitutivo do ser. Ao contrário, o importante para o experimento de pensar nietzschiano é empreender uma crítica do conhecimento racional tal como existe desde Sócrates e Platão. Numa leitura descuidada, isso poderia

2 A gênese deste escrito foi uma conferência chamada “A arte venerável de ler Nietzsche”, pronunciada em setembro de 1981, em Munique e, após três meses (janeiro de 1982), no *Wissenschaftskolleg*, de Berlim e na Universidade de Tübingen em fevereiro de 1982.

nos levar a acreditar que Nietzsche tenciona elaborar uma teoria do conhecimento, mas com certa atenção somos capazes de observar que as questões de ordem puramente epistemológicas não se encontram no centro da filosofia nietzschiana, como podemos notar em sua *Tentativa de autocrítica* onde ele diz que: “o problema da ciência não pode ser reconhecido no terreno da ciência” (TAC, §2)

Para além de uma crítica interna da ciência para seu aprimoramento, podemos arriscar em afirmar que a indagação nietzschiana sobre a produção científica pode ser encarada dentro de uma perspectiva que visa de alguma maneira desconstruir a ideia de verdade como identidade intrínseca entre racionalidade e realidade. Desde o início de seu experimento de pensar, Nietzsche dá o impulso inicial para um contramovimento, ao desenvolver abordagens para uma filosofia da ciência que não se desenvolva no solo da própria ciência, mas que, pelo contrário, trate da ciência como problema. O que nos leva a indicar que a filosofia nietzschiana buscou de certa forma criticar a ideia da razão como fundamento privilegiado do pensamento filosófico e tentou compreendê-la como órgão e instrumento subordinado a uma instância anterior e hierarquicamente superior.

Sobre esse relevante aspecto presente no experimento de pensar nietzschiano, concordamos com a tese de Walter Schulz que ressalta a seguinte ideia nietzschiana: “A marca essencial da realidade é, não a razão e o espírito (*Vernunft und Geist*), mas sim a vida, como *Vontade obscura porém atuante*” (SCHULZ, 1983, p.1; *apud* BARROS, 1999, p.13). Da mesma forma consentimos com o pensamento de Barros (1999, p.13) quando pontua que Schulz, ao assinalar a vida (*das Leben*) como aquilo que realiza a função de núcleo central da realidade no experimento de pensar nietzschiano, simultaneamente, também demonstra a filosofia de Schopenhauer influenciando a concepção nietzschiana.

Desse modo, estamos de acordo com a ideia de que Nietzsche entendeu a vida⁴

3 *Nicht Vernunft und Geist, sondern Leben als dunkler und doch machtwill sich auswirkender Wille ist das Wesensmerkmal der Wirklichkeit. Schulz, Walter, Funktion und Ort der Kunst in Nietzsche Philosophie, in Nietzsche Studien*, edição de 1983, De Gruyter, Berlin, p. 1.

4 Vida é um dos conceitos que se encontram no cerne do pensamento filosófico nietzschiano: “O conceito de vida apresenta na obra de Nietzsche uma continuidade tematicamente digna de menção, na qual a vida é concebida sempre a partir da perspectiva: 1.do orgânico e sua pesquisa no interior das ciências da vida; 2.do trágico-dionisiaco.” (NIEMEYER, 2014, p.561-562). Refletindo em linhas gerais sobre o encadeamento do conceito de vida na obra de Nietzsche, podemos dizer que a partir de *Humano, demasiado humano* a relação entre vida e perspectivismo se acentua: “a própria vida como condicionada pela perspectiva e sua injustiça.” (*MA/HHI*, Prefácio §6). Não esquecendo que essa própria ligação é interpretada por Nietzsche como dionisiaca, “toda a vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivístico e do erro.” (TAC, §5). E que: “O tema da ilusão dionisiaca forma o elemento central e o telos do conceito inicial de vida” (NIEMEYER, 2014, p.562). Por conseguinte, a definição de vida como força de ampliação se revela importante para o tema da Vontade de poder, “Uma criatura viva quer antes de tudo dar vazão a sua própria força – a própria vida é vontade de poder-: a autoconservação é apenas uma das indiretas, mais frequentes consequências disso.” (*JGB/BM*, §13). Por volta de 1880, notamos no experimento de pensar nietzschiano, uma forte aspiração de fundamentar a vontade de poder como um acontecer orgânico, com uma perspectiva da vida como atividade criadora de valores, “sob a ótica da vida: a vida mesma nos força a estabelecer valores, ela mesma valora através de nós, ao estabelecer valores...” (*GD/CI*, §5), o valor mesmo da vida agora não pode ser apreciado, “o valor da vida não pode ser estimado” (*GD/CI*, §5). Também vale lembrar alguns aspectos do problema da negação da vida em Nietzsche e, por sua vez, indicar seu redirecionamento, mesmo que de forma superficial: a noção de *décadence*, entendida como anarquia dos instintos, surge como “a vida *empobrecida*, a vontade de fim, o grande cansaço.” (*WA/CW*, Prólogo), a moral como “vontade de negação da vida” (TAC, §5) e o cristianismo como a “negação da vontade de vida tornada religião” (*EH/EH*, O caso Wagner, §2). Por outro lado, a outra ideia relevante é que “A radical afirmação da vida, ao contrário, é realizada através do pensamento do eterno retorno, no qual se inverte a sequência categórica entre

como *Vontade*. Para o jovem Nietzsche, fortemente influenciado pelas ideias desse filósofo, o *Uno-primordial*, a pura dor, é o fundamento de nosso mundo, por conseguinte, de nossa vida, haja vista que tanto as coisas do mundo quanto os homens são representações, ou seja, aparência desse *Uno primordial*.

A Vontade que, considerada puramente em si, destituída de conhecimento, é apenas um ímpeto cego e irresistível [...] atinge, pela entrada em cena do mundo como representação desenvolvida para seu serviço, o conhecimento de sua volição e daquilo que ela é e quer, a saber, nada senão este mundo, a vida, justamente como esta existe [...] Como a Vontade é a coisa-em-si, o conteúdo íntimo, o essencial do mundo, e a vida, o mundo visível, o fenômeno, é seu espelho; segue-se daí que este mundo acompanhará a Vontade tão inseparavelmente quanto a sombra acompanha o corpo.” (SCHOPENHAUER, 2005, p.357-358).

No entanto, não podemos esquecer de que apesar de encontrarmos em *O nascimento da tragédia o Uno-primordial (das Ur-Eine)* possuindo uma condição ontológica de *coisa-em-si* e origem de todo o mundo fenomenal - o que nos leva, em um primeiro momento, a relacionar a função do *Uno-primordial* ao papel que a *Vontade* exerce no pensamento de Schopenhauer - é um grave deslize equiparar meramente o *Uno-primordial* à *Vontade*.

Vale destacar que discorrendo no *Nascimento da tragédia* sobre o “eterno prazer da existência” suscitado pela arte dionisiaca, ao descrever o “consolo metafísico”, Nietzsche sutilmente nos assinala que o *Uno-primordial* não seria devidamente a *vida*, mas o *uno vivente (eine Lebendig)*:

Nós mesmos somos realmente, por breves instantes, o ser primordial e sentimos o seu indomável desejo e prazer de existir; a luta, o tormento, a aniquilação das aparências se nos afiguram agora necessários [...] nós somos trespassados pelo espinho raivante desses tormentos, onde quer que nos tenhamos tornado um só, por assim dizer, com esse incomensurável arquiprazer na existência e onde quer que pressintamos, em êxtase dionisiaco, a indestrutibilidade e a perenidade deste prazer. Apesar do medo e da compaixão, somos os ditosos viventes, não como indivíduos, porém como o uno vivente, com cujo gozo procriador estamos fundidos. (*GT/NT*, §17)

Desse modo, se por um lado, levando em consideração toda nuança do experimento de pensar nietzschiano, podemos afirmar que o *Uno-primordial* não seria precisamente a *vida*, mas o *uno vivente*, por outro, devemos ter a clareza de que a negação da *Vontade* não provoca a negação da *vida*, uma vez que para Nietzsche a *vida* acha-se no “fundo das coisas”: “O consolo metafísico – com que, como já indiquei aqui, toda a verdadeira tragédia nos deixa – de que a vida, no fundo das coisas, apesar de toda mudança das aparências fenomenais, é indestrutivelmente poderosa e cheia de alegria.” (*GT/NT*, §7).

Dessa forma, consentimos com o raciocínio da vida como anterior a qualquer forma fenomênica e, sobretudo, admitimos a tese de que essa proposição revela uma ideia nuançada na imagem do *uno vivente*, a saber, o pensamento da unidade de todos os

verdade e vida.” (NIEMEYER, 2014, p. 562).

viventes. De acordo com essa consideração, recorreremos ao pensamento de Barros que desenvolve com precisão essa ideia:

Existe apenas uma vida, que se manifesta necessariamente em indivíduos e que é a mesma em cada um deles. A multiplicidades de indivíduos é um fenômeno de superfície sob o qual subsiste a unidade primordial de tudo que vive. Assim, a imagem do *uno vivente* traz inevitavelmente à memória uma das mais típicas imagens do pensamento romântico: a imagem do mundo como único organismo [...]. O *Uno-primordial* como *uno vivente* representa a totalidade da força vital da natureza concebida como um único ser vivo não individualizado. (BARROS, 1999, p.16)

Apesar da influência decisiva da filosofia de Schopenhauer na concepção do *Uno-primordial* no pensamento do jovem Nietzsche, tanto a representação do *uno vivente* quanto a primazia da noção de *vida* sobre a de *Vontade* nos apontam que o estro para o surgimento do *Uno-primordial* está para além da sombra schopenhaueriana e foi adquirida certamente também na fonte do romantismo⁵.

3 | A PRESENÇA DO ROMANTISMO NO PENSAMENTO JUVENIL NIETZSCHIANO

O que foi chamado em meados de 1800 de “Escola romântica”, que teve na revista *Athenäum* dos irmãos Schlegel sua divulgação e possui seu começo filosófico em Fichte e Schelling, um mergulho no universo fantástico nos primeiros contos de Tieck e Wackenroder, aquela disposição para a noite e para o misticismo poético em Novalis, um sentimento

5 A discussão sobre o Romantismo dentro do experimento de pensar nietzschiano começa na Schulpforta, escola fundada em 1545. Grandes pensadores alemães passaram por Pforta, dentre eles podemos destacar, Klopstock, Novalis, Ranke e Fichte. “Em 4 e 5 de outubro de 1858 Nietzsche realizou a prova de admissão em Pforta e iniciou então, com mais 27 estudantes, o semestre da “*Untertertia*”, um dos iniciais estágios escolares de Schulpforta. Ele permaneceu lá seis anos e fez importantes progressos nesse curto espaço de tempo.” (NIEMEYER, 2014, p.512). Foi em Schulpforta que Nietzsche entrou em contato com as ideias de Hölderlin, Byron e dos irmãos Schlegel: “O jovem Nietzsche se coloca indiretamente na tradição da filosofia do primeiro romantismo, quando ele, no artigo *Sobre a poesia dramática de Lord Byron* e em *Fado e história*, associa motivações do modo de pensar a perfectibilidade.” (Ibid., p.503). No entanto, é relevante observar que mesmo sendo um leitor atento da teoria da arte desenvolvida por meio dos escritos de A. Schlegel sobre a tragédia grega, Nietzsche irá realizar uma crítica ao aspecto histórico do romantismo: “Homens vaidosos valorizam mais um fragmento do passado, a partir do momento em que conseguem revivê-lo em si próprios (sobretudo quando isto é difícil); querem mesmo, se possível, despertá-lo de entre mortos. Como os vaidosos são sempre inúmeros, o perigo dos estudos históricos, quando uma época inteira a eles se dedica, efetivamente não é pequeno: demasiada energia é desperdiçada em todo tipo de ressurreição de mortos. Talvez se possa compreender melhor, desse ponto de vista, todo o movimento do Romantismo.” (MA, §159). Encontramos em *Gaia Ciência* a direção dessa crítica radical de Nietzsche ao Romantismo: “Toda arte, toda filosofia pode ser vista como remédio e socorro, a serviço da vida que cresce e que luta: elas pressupõem sempre sofrimento e sofredores. Mas existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de *abundância de vida*, que querem uma arte dionisíaca e também uma visão e compreensão trágica da vida – e depois os que sofrem de *empobrecimento de vida*, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mediante a arte e o conhecimento, ou a embriaguez, o entorpecimento, a convulsão, a loucura. À dupla necessidade desses últimos responde todo o romantismo nas artes e conhecimentos, eles responderam (respondem) tanto Schopenhauer como Richard Wagner, para mencionar os dois mais famosos e pronunciados românticos que foram então *mal compreendidos* por mim.” (FW/GC, §370). Procurando finalizar essa observação sobre a relação nuançada de Nietzsche com o Romantismo destacamos: “De modo acertado, ele critica a nostalgia da redenção como pessimismo romântico e “niilismo passivo”, o qual se encontraria na tradição da cristã negação da vida e com a filosofia da vontade de Schopenhauer, bem como com a música de Wagner, uma vez que teria alcançado a idade faltado a força criadora de “novas ilusões”, isto é, “verdades”, que são necessárias para não se cair em resignação e, desse modo, não sucumbir ao niilismo. A esse romântico pessimismo Nietzsche opõe um pessimismo dionisíaco, respectivamente um “pessimismo da força”. (NIEMEYER, 2014, p.503).

próprio de um novo começo; todas essas características do movimento romântico têm certamente uma pré-história.

Esse começo antes do começo pode ser vislumbrado na geração do *Sturm und Drang*⁶. Se for possível demarcar historicamente o início do Romantismo, podemos dizer que este movimento começa a partir da viagem por mar à França, em 1769, de Johann Gottfried Herder, a figura por de trás das teorias defendidas na época do *Sturm und Drang*, autor de *Ideias sobre a filosofia da História da humanidade*, que “foi uma espécie de mentor para Goethe e durante algum tempo permaneceu como um de seus principais interlocutores no campo da filosofia e da teoria da arte” (SÜSSEKIND, 2008, p.60). Se por um lado entendemos que por meio da viagem por mar empreendida por Herder se sucede o início do Romantismo que encontrará solo fértil em Berlim, Jena, Dresden, onde os românticos fundaram seus centros e disseminaram suas ideias, por outro, no sentido restrito, temos o derradeiro suspiro romântico em Eichendorff e E.T.A. Hoffmann.

Pontuando sobre o legado do Romantismo e demonstrando que grandes pensadores beberam dessa fonte, inclusive Nietzsche⁷, Rüdiger Safranski explica que:

O romântico encontra-se em Heine – que quer ao mesmo tempo superá-lo – como também em seu amigo Karl Marx. O *Vormärz* o transformou para a política, para os sonhos nacionais e sociais. Então Richard Wagner e Friedrich Nietzsche, que não queriam ser românticos, mas que todavia o eram, como adeptos de Dioniso. (SAFRANSKI, 2010, p.16).

Circunscrevendo alguns aspectos que consideramos ser importantes no Romantismo

6 No final do século XVIII, iniciou-se na Alemanha o movimento cultural chamado de *Sturm und Drang* (*Tempestade e Ímpeto*), cujo nome derivou de uma peça de mesmo título do poeta e dramaturgo Friedrich Maximilian Klingler (1752-1831). Foi neste estilo de vida e de pensamento, considerado o precursor do romantismo, que Friedrich Schiller, aos vinte e três anos, se inseriu com sua obra denominada de *Os Salteadores*. Através das ideias propagadas neste movimento pré-romântico, que se sucedeu num curto período de quinze anos (1770-1785), foram trazidos para o primeiro plano, valores como o amor à natureza, o culto à liberdade, a reivindicação dos direitos dos sentimentos e das paixões instintivas, dentre outros. Vale lembrar, que este movimento pré-romântico não foi apenas marcado pela defesa da liberdade e da espontaneidade na criação, mas também pela possibilidade de transgressão das regras em nome da intensidade do efeito causado pelas obras de arte. Nesse sentido, os escritores deste movimento, não só aprofundaram as posições teóricas de Lessing, o qual defendia o privilégio do efeito e da emoção sobre as regras da arte, como também seguiram sua proposta de desenvolver um teatro segundo o modelo shakespeariano. Por conseguinte, escritores como Goethe, Lenz, Herder e Schiller ao valorizarem as obras de Shakespeare acabariam por influenciar e propor um modelo moderno de criação artística a muitos escritores do romantismo e do período pós-kantiano. (Cf. a respeito, SÜSSEKIND, Pedro. *Shakespeare, o gênio original*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008).

7 Claudemir Araldi pontua um aspecto relevante acerca da influência romântica no jovem Nietzsche: “Não há nenhuma menção direta ao Romantismo na primeira edição do *Nascimento da tragédia*, seja ela afirmativa ou negativa. Nietzsche quer consumir o salto prodigioso da época trágica dos gregos para sua época, afirmando o renascimento do gênio que outrora engendrou a tragédia grega. Desse modo, a tragédia renasceria no espírito da música alemã (do gênio de Wagner). Que um projeto estético semelhante tenha sido anteriormente proposto, no Romantismo alemão, especialmente no Primeiro Romantismo (*Frühromantik*), não é tematizado explicitamente. As poucas menções aos românticos e clássicos alemães, como os irmãos Schlegel, Goethe, Schiller, Winckelman, ocorrem em aspectos pontuais, como a interpretação do poeta lírico e do coro trágico.” (ARALDI, 2009, p.118). Nesse sentido, parece que Nietzsche oculta influências determinantes de importantes pensadores românticos, como F. Schlegel, F. Schelling, F. Hölderlin e F. Creuzer. Todavia, como não é objetivo desta pesquisa investigar os motivos que levaram Nietzsche a opção metodológica de não citar fontes e influências românticas implícitas em sua primeira obra, optamos por não nos aprofundar nesses motivos. Mas, partindo do pressuposto da relevância do tema romântico no experimento de pensar do jovem Nietzsche, iremos buscar direcionar nossa discussão com intuito de suscitar certos temas regulares no Romantismo que se encontram desenvolvidos na filosofia juvenil nietzschiana, como por exemplo, o tema romântico da redenção como reconciliação final do homem com a natureza.

e vislumbrando possíveis conexões com a filosofia juvenil nietzschiana, vale destacar que desde suas raízes ele foi marcado pela valorização do não-consciente sobre o consciente. Não por acaso, Herder com sua ousada filosofia da vida tentou revolucionar o conceito de razão, “a razão viva é concreta, mergulha no elemento da existência, do inconsciente, irracional, espontâneo, portanto na escura e criativa vida, que move e é movida” (SAFRANSKI, 2010, p.24). Desse modo, assim como o Romantismo o experimento de pensar nietzschiano é fortemente marcado pelo risco que o desaparecimento do horizonte mítico-religioso poderia representar para cultura. Outra característica relevante numa possível relação entre o pensamento de Nietzsche e o Romantismo é o fato dos românticos defenderem a primazia da arte sobre a ciência, coisa que já sabemos estar presente em toda filosofia do autor de *O nascimento da tragédia*.

Ao buscar um sentido elevado no comum, ao vislumbrar no cotidiano o misterioso, ao incutir ao conhecimento racional a nobreza do desconhecido; os românticos acabaram por suscitar para a virada do século XVIII a visão organicista do mundo como possibilidade de supressão do mecanicismo newtoniano:

Em um organismo temos um conjunto de processos vitais que se desenrolam com relativa autonomia e independência, mas que, não obstante, encontram-se integrados, como partes de um único movimento global. É esse último que, anterior aos movimentos parciais que o constituem, condiciona-os a todos, ao estabelecer entre eles uma interligação mais profunda do que seu aparente isolamento. Por isso mesmo, a noção de *organismo* permitirá a Nietzsche conciliar a multiplicidade dos indivíduos com a unidade do *Uno-primordial*. (BARROS, 1999, p. 17)

Ao longo de todo Romantismo nos deparamos com a ideia do *anima mundi* como fundamento das teses românticas, isto é, a imagem da presença de um princípio vital-espiritual em todo universo que firma em todo suceder o caráter de parte de um único processo orgânico total. Temos como exemplos o reaparecimento dessa noção na *alma do mundo (Weltsele)* tanto em Schelling quanto em Herder, Goethe e na *Filosofia da vida* de Friedrich Schlegel.

Empreendendo uma leitura sutil sobre *O nascimento da tragédia* somos capazes de constatar certa relação de parentesco⁸ entre o Romantismo e as noções de *consolação metafísica (metaphysische Trost)*, *reconciliação (Versöhnung)* e *redenção (Erlösung)* analisadas por meio do *sentimento místico de unidade (mystische Einheitsempfindung)*.

8 Discorrendo sobre a tese de que ao não expor diretamente importantes pensadores românticos, Nietzsche ofusca a originalidade de algumas noções relevantes em seu *Nascimento da tragédia*, como por exemplo, a descoberta do dionisíaco, Clademir Araldi pontua: “Max L. Baeumer questionou radicalmente a pretensão nietzschiana de ser o “descobridor” do fenômeno dionisíaco nos gregos. Através de uma análise minuciosa, ele mostra que em vários pensadores, filólogos e literatos do classicismo e do romantismo alemães anteriores a Nietzsche, tanto o mito de Dioniso quanto o “dionisíaco” já foram investigados em seus elementos fundamentais. Nesse sentido, ele ressalta a influência de autores como G. H. Schubert, J. Görres, Wilckelmann, Hamann, Hölderlin, Schelling, K. O. Müller, F. Welcker, F. Ritschi, Bachofen, F. Creuzer [...] Por fim, Baeumer conclui com a seguinte colocação: “Não se pode afirmar mais que Nietzsche tenha sido o primeiro a descobrir, compreender e levar a sério o dionisíaco. Mas é preciso admitir que ele empreendeu de modo tão brilhante e efetivo a mencionada “transposição” do dionisíaco num “*pathos filosófico*”, de modo que seu nome sempre será ligado ao fenômeno da embriaguez da vida” (ARALDI, 2009, p.118).

Esse *sentimento místico de unidade* está para o jovem Nietzsche intrinsecamente ligado ao *Uno-primordial* e, por sua vez, ao dionisíaco. Discorrendo sobre a noção de *consolação metafísica* nietzschiana, Safranski pontua:

A consciência dionisíaca se envolve com o prodigioso da vida, tendo a percepção propiciada pela representação artística de que não há nenhuma dissolução terrena da grande dissonância dessa vida. Ela será sempre injusta com o indivíduo, ao qual resta apenas a aliviadora comunhão com o processo vital em seu todo. Para Nietzsche ainda, isso é o *consolo metafísico* que a arte propicia. Ele é apenas de natureza estética [...] O *consolo metafísico* da arte não é nenhum que prometa um mundo do aqui e agora, com indenizações e alívios e sua garantia de um reino futuro de grande justiça. Não há tal consolo religioso. Há apenas o estético. (SAFRANSKI, 2014, p.262)

No primeiro capítulo de *O nascimento da tragédia*, ao representar a embriaguez dionisíaca evidenciando a *reconciliação* do homem com a natureza, Nietzsche manifesta sua inspiração romântica ora demonstrando seu entusiasmo a Beethoven ora revelando sua admiração por Schiller e, sobretudo relacionando alguns termos a imagem da “divinização mística da natureza”, como podemos notar no trecho a seguir:

Sob a magia do dionisíaco torna a selar-se não apenas o laço de pessoa a pessoa, mas também a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem [...] Se se transmuta em pintura o jubiloso hino beethoveniano à “Alegria” e se não se refreia a força da imaginação [...] Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno-primordial [...] O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte, a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez [...] ressoa o chamado dos mistérios eleusinos: “Vós vos prosternais, milhões de seres? Pressantes tu o Criador, ó mundo?” (GT/NT, §1).

As várias simbologias com que o *Uno-primordial* aparece no *Nascimento da tragédia* devem ser compreendidos conforme a noção de totalidade divinizada atribuída pela mística romântica. Sobre o sentido do *Uno-primordial*, Benchimol escreve: “O *Uno-primordial* é o limite absoluto de todo o conhecimento; é o limiar onde a ciência finalmente deve ceder o lugar à iniciação mística” (BARROS, 1999, p.19). Sobre essa presença da linguagem mística em *O nascimento da tragédia*, Araldi destaca: “Não se pode, desse modo, pretender eliminar o caráter “místico” do Nascimento da tragédia [...] o recurso aos “mistérios” está no centro das reflexões da metafísica da arte” (ARALDI, 2009, p.116).

É certo que na *Tentativa de autocrítica* Nietzsche lamenta por ter se desviado do pessimismo de Schopenhauer por intermédio do Romantismo e, sobretudo, se censura por ter recorrido ao espírito romântico para alimentar esperanças na música alemã. Desse modo, neste momento, no decurso de 1886, nos parece que o autor de *Zaratustra* se queixa por apresentar em seu jovem pensamento filosófico indícios românticos, como podemos

notar no trecho de sua autocrítica:

Mas há algo muito pior no livro, que agora lamento ainda mais do que ter obscurecido e estragado com fórmulas schopenhaueriana alguns pressentimentos dionisiacos: a saber, que estraguei de modo absoluto o grandioso problema grego, tal como ele me havia aparecido, pela ingerência das coisas modernas! [...] Que comecei a fabular, com base nas últimas manifestações da música alemã, a respeito do “ser alemão” [...] De fato, entrementes aprendi a pensar de uma forma bastante desesperançada e dasapiedada acerca desse “ser alemão”, assim como da atual música alemã, a qual é romantismo de ponta a ponta e a menos grega de todas as formas possíveis de arte (TAC, §6).

No entanto, com toda perspicácia que devemos ter ao se lançar sobre o experimento de pensar de Nietzsche, devemos notar a nuance por trás dessa crítica, como por exemplo, atinar para o fato de que a crítica nietzschiana ao romântico e seu afastamento se referem a um Romantismo do retorno ao cristianismo. O lamento de Nietzsche não é direcionado para a primeira geração dos românticos, não se trata de negar a *bela confusão* de Novalis ou a *orgia espiritual* de Friedrich Schlegel, mas sim de recusar o Romantismo mais tardio, o catolicizante, que se associa aos conceitos políticos de ordem da Santa Aliança, “Quando Nietzsche começou a escrever, o Romantismo era considerado como o espírito de uma reação político-religiosa ainda não superada. E é esse conceito que ele coloca como base daquilo de que se distancia.” (SAFRANSKI, 2014, p.265). Portanto, se podemos enxergar resquícios românticos em Nietzsche, é por meio do dionisiaco como verdadeiro centro de estímulo real. A linguagem romântica viabilizou o experimento de pensar juvenil de Nietzsche a elaboração de uma proposição que procura determinar a vida como fundo ontológico unitário em relação a todos os fenômenos.

4 | FILOSOFIA TRÁGICA E O UNO-PRIMORDIAL

A origem dos seres individuais a partir da diferenciação de um ser primordial e seu necessário perecer no ventre deste próprio ser primordial é, em linhas gerais, como os pensadores jônicos explicavam o surgimento da pluralidade a partir da unidade e do determinado a partir do indeterminado, igualmente como entendiam a relação entre o ser e o devir. Numa possível aproximação entre o pensamento dos filósofos pré-socráticos e o experimento de pensar nietzschiano, respeitadas as devidas particularidades, podemos afirmar que a tese do *Uno-primordial* aparece no *Nascimento da tragédia* cumprindo a mesma finalidade.

Encontramos um número expressivo de afinidades entre as noções utilizadas por Nietzsche ao expor as ideias dos filósofos jônicos e os termos usados para caracterizar a tese do *Uno-primordial*. Em pelo menos dois casos essa similitude aparece explicitamente. Em a *Filosofia na era trágica dos gregos*, discorrendo sobre o primeiro filósofo grego, Nietzsche escreve: “A filosofia grega parece ter início com uma ideia inconsistente, com a

sentença de que a água é a origem e como que útero materno de todas as coisas” (PHG/FT, §3). Em seguida, analisando a doutrina de Anaximandro, ele pontua:

Para que o vir-a-ser não deixe de existir, o ser primordial tem de ser indeterminado. A imortalidade e eternidade do ser primordial assentam-se, não numa infinitude e inesgotabilidade – tal como, em geral, supõem os intérpretes de Anaximandro -, mas em não possuir as qualidades determinadas que conduzem ao declínio: eis porque ele também carrega o nome de “indeterminado”. O ser primordial assim denominado eleva-se sobre o vir-a-ser e, justamente por isso, assegura a eternidade, assim como o constante curso do vir-a-ser. Essa última unidade naquele “indeterminado”, ventre materno de todas as coisas. (PHG/FT, §4).

A sugestão de uma provável conexão entre a filosofia pré-socrática e a tese do *Uno-primordial* tornar-se relevante para nossa pesquisa na medida em que vislumbramos que Nietzsche além de pronunciar uma concepção singular, tencionou assimilar um elemento basilar da visão de mundo trágica dos gregos. Por meio desse desejo o experimento de pensar juvenil nietzschiano apreendeu a percepção da unidade primordial da vida nas mais antigas e subterrâneas raízes da cultura grega. Ela precede os deuses olímpicos, surgidos da ilusão apolínea. Nietzsche a visualizar na fervorosa massa encantada dos discípulos de Dioniso, “Do sorriso desse Dionísio surgiram os deuses olímpicos; de suas lágrimas os homens” (GT/NT, §10). Não por acaso, o autor de *Zaratustra* ambiciona associar sutilmente o mito do dilaceramento de Dioniso pelos Titãs com a expressão simbólica da fragmentação da unidade primordial da vida nos indivíduos:

Dionísio sofredor, dos Mistérios, aquele deus que experimenta em si os padecimentos da individuação, a cujo respeito mitos maravilhosos contam que ele, sendo criança, foi despedaçado pelos Titãs e que agora, nesse estado, é adorado como Zagreus: com isso se indica que tal despedaçamento, o verdadeiro *sofrimento* dionisíaco, é como uma transformação em ar, água, terra e fogo (GT/NT, §10).

Ar, água, terra e fogo! O que o filósofo da nuance busca sugerir com esses termos? Provavelmente ele está suscitando uma relação entre a ideia de um princípio vital, representado pelo corpo de Dioniso, que espalhado por toda natureza equivale simultaneamente à sua origem e realidade última, com a ideia mítica romântica da *alma mundo*.

Discorrendo sobre a relação entre o fundamento da cultura apolínea e a sabedoria do sofrer, no terceiro capítulo de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche sugere sutilmente tanto a antecedência da sabedoria dionisíaca sobre as narrativas dos deuses olímpicos quanto a preexistência da era dos Titãs em relação à teogonia olímpica da alegria, “Para poderem viver, tiveram os gregos, levados pela mais profunda necessidade, de criar tais deuses, cujo advento devemos assim de fato nos representar, de modo que, da primitiva teogonia titânica dos terrores, se desenvolvesse, em morosas transições, a teogonia olímpica

do júbilo” (*GT/NT*, §3). É a “sabedoria popular” ou “filosofia do povo”⁹ que fundamenta a época titânica grega. Ela é ilustrada por Nietzsche pela sabedoria de Sileno¹⁰, figura lendária, companheiro de Dioniso. Segundo a lenda, o rei da Prígia, Midas, ao se deparar nos bosques com o sábio Sileno, lhe pronunciou a tão valorosa pergunta: o que existe de mais desejável para o homem? Após certa pressão, Sileno lhe responde: “O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer” (*GT/NT*, §3). Desse modo, podemos notar que já há na obra inicial de Nietzsche uma prioridade ontológica do dionisíaco sobre o apolíneo, uma vez que este é constantemente visualizado como certa procedência originada de um fundo dionisíaco: assim como o indivíduo surge a partir do fundamento dionisíaco da vida indiferenciada (*uno-vivente*), também a cultura apolínea da época homérica se levanta a partir de um solo dionisíaco, o da fase titânica pré-homérica da terrível *sabedoria popular*.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conduzindo o nosso pequeno percurso já a algumas considerações finais, evocamos novamente, para abrir esta última parte, a imagem metafórica de Sileno. Dentre as muitas interpretações que a imagem plástico-poética do Sileno pode plasmar em nossa mente, ressaltaremos uma tal que mostra o espírito do sátiro, como aquele que consegue, em sua sabedoria filosófica popular, infundir em si o sentimento de unidade que brota de uma consciência trágica. A imagem do Sileno mostra a sabedoria estética de viver a vida na plenitude de sua embriaguez, caso contrário, melhor seria não mais existir, do que tentar de modo vão viver uma vida aspirando o inatingível. Mostra, outrossim, e a consciência natural de sua organicidade com tudo que lhe cinge, consciência advinda do sentimento de unidade primordial da vida.

Deixando a parte os vários sentidos relevantes que podem surgir da imagem do Sátiro sábio ou da anedota do encontro de Midas com Sileno e concentrando nossa pesquisa num dos aspectos que consideramos importante, defendemos a ideia de que Nietzsche teve a sagacidade de relacionar a sabedoria dionisíaca com a filosofia pré-socrática. Parece que a própria denominação “filosofia trágica”¹¹ nos permite considerar certa conexão entre a

9 Encontramos também uma referência à ideia da sabedoria dionisíaca no escrito póstumo *A visão dionisíaca do mundo*: “A filosofia do povo é aquela que foi desvendada aos mortais pelo deus silvestre cativo: “o melhor, em primeiro lugar é morrer em breve”. É essa mesma filosofia que configura o fundo daquele mundo dos deuses. O grego conhecia os terrores e horrores da existência, mas encobria para poder viver.” (VW/VD, §2).

10 Sileno: Semideus, servidor e educador de Dioniso. Era representado pela figura de um velho bêbado que sempre estava rodeado por sátiros e nunca deixava de estar presente nos cortejos ao deus. Proferia do alto de sua embriaguez uma mais profunda filosofia e sabedoria de vida.

11 Na maioria das vezes quando surge o termo “trágico” ou “filosofia trágica” as pessoas costumam associar a expressão com a figura de Nietzsche, que se mostra como possibilidade de supressão do conhecimento racional iniciado com a metafísica de Platão. No entanto, Nietzsche não é o primeiro e nem o último a refletir filosoficamente sobre essa noção: “além de Nietzsche não ser o único a ter pensado filosoficamente o trágico e a tragédia na época moderna, ele se insere perfeitamente em um movimento cultural existente na Alemanha desde o final do século XVIII.” (MACHADO, 2006, p.6). Peter Szondi, na introdução de seu *Ensaio sobre o trágico*, defende a tese de que a Aristóteles criou uma poética da tragédia, mas o nascimento de uma filosofia do trágico só acontece com Schelling, “Desde Aristóteles há uma poética da tragédia; apenas desde Schelling, uma filosofia do trágico” (SZONDI, 2004, p. 23). Em seguida, Szondi

tragédia e a filosofia jônica. Arriscamos em afirmar que o autor de *O nascimento da tragédia* foi capaz de visualizar a recorrente ideia “da unidade de todo ser vivente” (PHG/FT, §8) nos filósofos jônicos e concatenar com a sabedoria dionísia subjacente à tragédia. Conjuntamente também conectou as teorias da origem do mundo a partir da diferenciação de uma proto-matéria com a lenda mítica da transformação de Dioniso em ar, água, terra e fogo. Assim como transpareceu em seu experimento de pensar certa ligação entre o termo que cunhou para expressar o pensamento de Tales “tudo é um” (PHG/FT, §3) e a noção utilizada para designar “a doutrina misteriosa da Tragédia: o conhecimento básico da unidade de tudo o que existe” (GT/NT, §10). Desse modo, concordamos com a ideia defendida por Benchimol de que:

a tese do *Uno-primordial* é o pensamento com o qual Nietzsche pretendeu ter apreendido o significado último da tragédia, e se é este mesmo significado que ele tende a ver expresso na filosofia trágica, é natural que entre esta filosofia a tese nietzschiana possam ser encontradas todas aquelas similaridades. (BARROS, 1999, p.24)

Nietzsche sintetiza na tese do *Uno-primordial* essa característica *sui generis* do espírito helênico, que consegue imprimir a tudo que produza ou a tudo que toque, o selo da unidade harmônica e da organicidade que compreende todas as partes como membros necessários do todo ou, seguindo a analogia fisiológica, do corpo. No cerne desse espírito trágico é que reside a capacidade do povo helênico em, através uma harmonia de contrários, sublimar os aspectos terrificantes da existência e reconhecer a vida como valor supremo.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir Luís. *As criações do gênio – ambivalências da “metafísica da arte” nietzschiana.*

Kriterion, Belo Horizonte, nº119, Jun/2009, p.115-136.

BARROS, Marcio Benchimol. **Apolo e Dionísio:** arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche. Dissertação (Mestrado em filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento do Trágico:** de Schiller a Nietzsche. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CHAVES, Ernani. **No limiar do moderno:** estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin. Belém: Paka-Tatu, 2003.

NIEMEYER, Christian (org.). **Léxico de Nietzsche.** São Paulo: Loyola, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **A visão dionísia do mundo.** Trad. Marcos Sinésio P. Fernandes e M^a Cristina dos S. de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

esclarece essa ideia: “Dessa poderosa zona de influência de Aristóteles, que não possui fronteiras nacionais ou temporais, sobressai como uma ilha a filosofia do trágico. Fundada por Schelling de maneira inteiramente não-programática, ele atravessa o pensamento dos períodos idealista e pós-idealista, assumindo sempre uma nova forma. Trata-se de um tema próprio da filosofia alemã, caso se possa incluir nela Kierkegaard e não levar em consideração seus discípulos, por exemplo, Unamuno. Até hoje, os conceitos de tragicidade (*Tragik*) e do trágico (*Tragisch*) continuam sendo fundamentalmente alemães.”(Ibid., p.24). Roberto Machado discorda de Szondi e aponta em Schiller essa ruptura.

_____. **A filosofia na época trágica dos gregos.** Em: **Os Pensadores**, volume “Os Pré-Socráticos”, São Paulo, Ed. Abril, 1974. (Tradução de Rubens Torres Filho)

_____. **O Nascimento da tragédia.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006.

_____. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia De Bolso, 2009.

_____. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2004

_____. **A gaia ciência.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2011.

_____. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010.

_____. **Ecce Homo.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2008.

_____. **O caso Wagner: um problema para músicos/ Nietzsche contra Wagner:** dossiê de um psicólogo. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo:** uma questão alemã. São Paulo: Estação da Liberdade, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo Como Vontade E Como Representação.** Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

SÜSSEKIND, Pedro. **Shakespeare:** o gênio original. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o Trágico.** Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

Análítica existencial 18, 25

Arte 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 88, 95

Astrologia 30, 31, 33, 37, 40, 41, 89

B

Belo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 55, 108

C

Capitalismo 64, 97, 99

Carnéades 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Ceticismo 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81

Ciência 30, 31, 32, 33, 34, 39, 40, 41

Ciudadana 9, 11

E

Educación 9, 10, 15, 16, 32, 33

Epistemologia 73, 76

Espiritualidad 30, 31, 88

Experimento de pensar 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55

F

Filosofia antiga 73, 74, 101

Filosofia trágica 43, 52, 54, 55

Frente a frente 57, 58, 59, 68, 69, 70, 71

H

Héroe 33, 35, 42, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91

História 16, 28, 48, 49, 58, 70, 73, 78, 80, 81, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 108, 110

História da filosofia 28, 78, 101

I

Identidad 9, 12, 14, 15, 16, 85

Ilusão de onipotência 18, 19, 20, 23, 24

Imaginación narrativa 9, 14, 15

Immanuel Kant 1, 2, 3

Infinito 16, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 103

L

Literatura brasileira 9

Ludwig Edelstein 101

M

Martin Heidegger 19, 58

Marxismo 93, 94, 96, 97, 98, 99

Mito 35, 38, 42, 50, 53, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Mitologia 101, 102, 103, 104, 105, 108

Música 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 48, 49, 51, 52, 106

P

Pandemia 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 71, 72

Pitagorismo 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37

Platão 45, 54, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

R

Realidade 18, 20, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 46, 53, 58, 59, 60, 69, 74, 78, 93, 94, 96, 97, 99, 102

Romantismo 48, 49, 50, 51, 52, 56

S

Sabedoria 32, 38, 39, 83, 85, 86, 88, 89, 91

Sensibilidade 1, 2, 3, 57, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 79

T

Tales de Mileto 31, 83, 86

Teoria histórico-cultural 93, 94, 96, 97, 98, 99

Totalidade 48, 51, 57, 59, 60, 62, 65, 67, 68, 72, 73

U

Uno-primordial 43, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55

V

Vygotsky 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

W

Winnicott 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

REFLEXÕES SOBRE


FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA


E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021